



TORNAR-SE UM PROFESSOR PESQUISADOR:

**A “MOSTRA SCONFINAMENTI — ATRAVESSAR FRONTEIRAS”
COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO**

**FRANCISCA TELMA HOLANDA FERREIRA
SÃO PAULO, 2020**



PARTICIPO DA
1ª PRODUÇÃO
DA MOSTRA



AGOSTO-19

JULHO-19



CORAGEM



TRABALHO PRONTO
JULHO 2020

JUNHO-20

MAIO-20

ABRIL-20

MARÇO-20

FEVEREIRO-20

DEZEMBRO-19

NOVEMBRO-19

OUTUBRO-19

SETEMBRO-19

MOSTRA
EM
SÃO PAULO

ENSAIOS PARA PRODUÇÃO

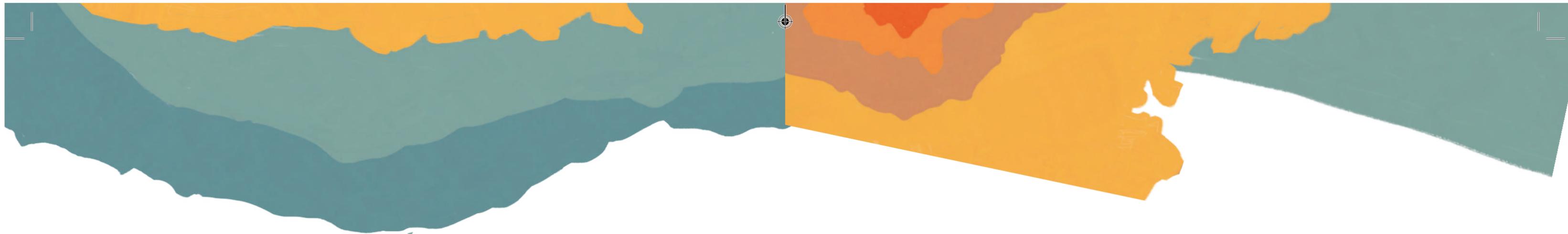


TORNAR-SE UM PROFESSOR PESQUISADOR: A "MOSTRA SCONFINAMENTI —
ATRAVessar FRONTEIRAS" COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO

Francisca Telma Holanda Ferreira

Trabalho realizado sob a orientação do
Prof. Dr. Giuliano Tierno em exigência parcial, para a obtenção do
certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação
Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e
conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".

São Paulo
2020



Francisca Telma Holanda Ferreira — Pedagoga com administração escolar e formação em Artes Plásticas. Experiência de 38 anos na área de educação entre os segmentos de Educação Infantil ao Médio. Atuou nos cargos de professor a diretor. Cofundadora da Diálogos Viagens Pedagógicas.

RESUMO

Este documento propõe uma analogia tendo como referência a Mostra Sconfinamenti — mostra italiana e as mostras realizadas nas escolas educacionais brasileiras a refletir especificamente quais são as potências de criarmos uma ação expositiva que deseja dar visibilidade ao conhecimento. Desejo neste trabalho expor o quão importante ela pode ser para divulgar a pesquisa e os processos dos pesquisadores, nas instituições de ensino que, dia a dia, podem se ver potentes investigadores junto às perguntas das aprendizagens das crianças. Analiso imagens fotográficas, que neste trabalho nomeio como cenas, e dessas imagens extraio uma sequência de verbos os quais considero fundamentais para a constituição de um professor-pesquisador. O objetivo é fazer com que a experiência da mostra construa junto aos professores um contexto que permita desafios, investigação e pesquisa.

Palavras chave: Formação, Mostra, Reggio Emilia, Professor Pesquisador

ABSTRACT

This document proposes an analogy with reference to the Mostra Sconfinamenti - an Italian exhibition and their other exhibits held in Brazilian educational schools to reflect specifically what are the powers of creating an exhibition that wishes to give visibility to knowledge. In this work, I want to expose how important it can be to disseminate research and the processes of researchers in educational institutions that, on a daily basis, can see themselves as powerful researchers with questions about children's learning. Photographic images were analyzed, which in this work I name as scenes, and from these images I extract a sequence of verbs which I consider fundamental for the formation of a teacher-researcher. The goal is to make the experience of the exhibits to build a context that allows challenges, investigation and research with the teachers.

Keywords: Formation, Exhibit, Reggio Emilia, Teacher Researcher

AGRADECIMENTOS

*“E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas”*

Meus agradecimentos serão aqui apresentados a partir da música Caminhos do coração de Gonzaguinha, de que gosto muito.

Quero agradecer as pessoas que fazem parte de mim e começo com “ôs de casa”: Pedro, Ana e Marcos, que compõem minha família e são minha morada. Obrigada por amparar minhas saídas do ninho a cada mês para participação deste curso e por sermos parte um do outro.

Ô mãe, ô pai, Valda e José, vocês são a minha história e estão aqui comigo presentes neste término de curso, obrigada por eu poder ser a marca de vocês.

*“E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar”*

Continuo a cantar com Gonzaguinha e agradecer a tanta gente presente em minha vida: Fabiane Vitiello, parceira Diálogos, a Rayssa Oliveira, Raissa Cintra e todas as educadoras presentes na Mostra e que permitiram ser marca desse trabalho por meio da divulgação de suas imagens, relatos e despertaram em mim esta pesquisa.

Quero deixar meu afeto às queridas amigas Edilaine Balbino, Patrícia Arruda e ao amigo Fábio Monteiro pela linda história educacional que construímos juntos, um incentivando o outro. E também as amigas sempre presentes em nossos encontros de Maria!

Maria Vitória Alfieri, minha mestra hermana, agradeço sua

confiança e por acreditar em meu trabalho e permitir viver a experiência Mostra Sconfinamenti.

Agradeço aos educadores e crianças de Reggio Emilia que foram propulsores nesse meu movimento de pesquisa e por compartilhar constantemente seus conhecimentos me permitindo aprender mais.

Um agradecimento às crianças do mundo, que por elas me debruço em estudo para que possam ter uma educação de melhor qualidade e seus direitos cumpridos.

Minhas mestras queridas Cleide Terzi e Eloisa Ponzio, muito obrigada por fazer parte da minha caminhada e por sempre estarem marcando meu percurso educacional com seus saberes.

Foram muitas casas em que vivi e cujos trajetos de afetos posso cartografar durante a caminhada até cada uma delas, mas aqui quero agradecer uma casa que habitei por um ano e meio, casa especial que me acolheu e marcou minha transformação: a Casa Tombada.

Ô de casa! Ô Giuliano Tierno e Adriana Friedmann, quero falar com vocês!

Quero agradecer a Adriana, por tanta dedicação nesta pós e ter me afetado de maneira a me ver mais sabida e potente após escrita deste TCC; agradeço ter insistido para que eu mostrasse minha escrita.

Giuliano Tierno, meu querido orientador, homem sabido de voz mansa, firme, pontual. Percebeu minhas exigências, buscou amenizar, amparar e me mobilizar a caminhar, sutilmente me provocou, impulsionou e validou a minha escrita. Giuliano, obrigada por me compor e pela generosidade de seu tempo durante o processo de produção do meu TCC.

“É tão bonito quando a gente vai à vida

Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração.”

A Casa Tombada, obrigada por aninhar meus estudos nessa morada e permitir meu coração bater mais forte, junto a um potente grupo de profissionais que inaugurou o primeiro curso *A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis*; obrigada parceiras amigas por terem dividido esta experiência e esta casa comigo.

Francisca Telma Holanda Ferreira

1 Caminhos do coração, música de que gosto muito, é do artista Gonzaguinha, produzida em 1982.

SUMÁRIO

>>>> O caminho que se toma na mão -
sentido e significado da profissão • pág. 9

1 O que me fez ser quem sou, a vida
que se toma na mão, eu na escola
e a escola em mim. • pág. 15

1.1 Eu na escola e a escola em mim
• pág. 16

1.2 O tempo e a voz da escola
• pág. 17

1.3 Eu e o ser professor
• pág. 19

1.4 O outro na minha voz e a vez da
formadora de professor • pág. 21

1.5 Diálogos Viagens Pedagógicas
e o encontro com a “Mostra
Sconfinamenti” • pág. 24

2 Atravessar fronteiras: Relato de uma
experiência que revela ações entre
teoria e prática • pág. 27

2.1 Contexto de exploração e investigação
• pág. 38

3 Vozes que confirmam a mostra
como dispositivo de formação de
professores pesquisadores • pág. 41

Conclusão e novas inquietações • pág. 64

Referências bibliográficas • pág. 68

INTRODUÇÃO

>>>> o caminho que se toma na mão
- sentido e significado da profissão

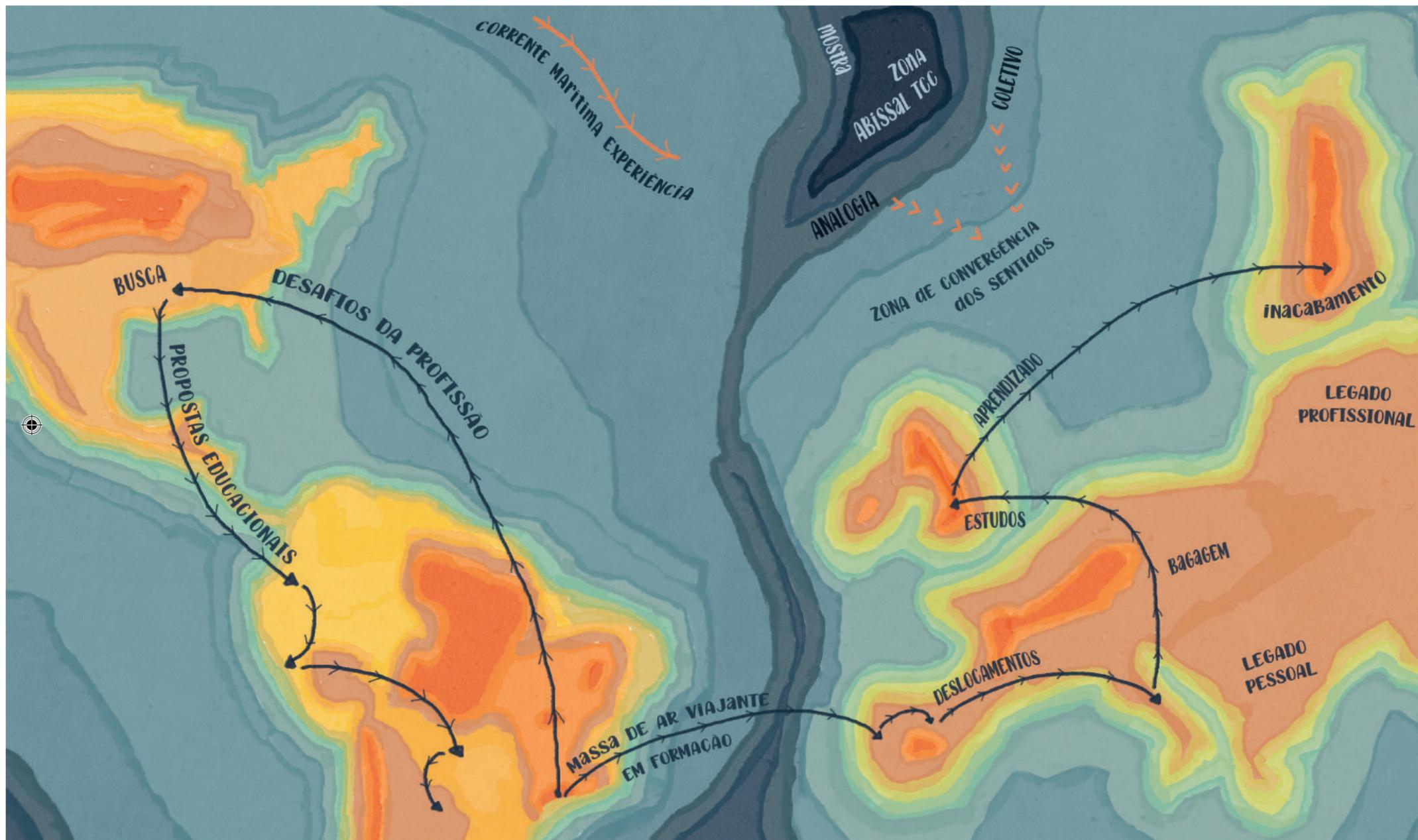
A escolha do tema de meu TCC está estreitamente ligada aos desafios da minha profissão, educadora, que exige aperfeiçoamentos constantes na busca de manter os estudos e aprendizados atualizados. Como boa viajante, a cada viagem faço e desfaço minha bagagem, que armazena meu legado pessoal e profissional.

A minha bagagem enquanto profissional da educação esteve sempre em movimento, ora organizada, ora desorganizada, mas em travessia, nunca pronta por inteiro, um tanto inacabada, mas sempre aberta e em constante deslocamento.

Paulo Freire diria: “Ensinar exige a consciência do inacabamento [...]. “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.”²

Com esta consciência, ousei fazer da educação uma viagem e vivê-la em muitos momentos de chegadas e partidas. Vivi experiências educacionais em diferentes escolas atuando na profissão, conheci diversas propostas educacionais, metodologias de ensino, espaços escolares inovadores e transformadores por 11 países, incluindo meu país, por isso sempre busquei abrir espaço na cabeça, no corpo e na alma para mudanças.

Atuei como professora, coordenadora pedagógica, um dia diretora de escola e hoje, como formadora de professores, me interesse em compreender o processo de formação do professor



² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa - Paulo Freire**, 25ª. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 26.

e desejo, além de contribuir com esses processos, também aprender.

Dentre as várias vivências e histórias profissionais, fiz a escolha de uma experiência que me apresentou muito rica para compartilhar neste trabalho de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu **A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis**, título que carrega um convite: dar a vez e voz. Aceitei e me vi imersa entre encontros com formadores, diretores, coordenadores de escolas, professores, jornalistas, arquitetos, psicólogos, profissionais das áreas de artes, literatura, administração, educação física e educadores que atuam em contextos não formais, um grupo constituído por mulheres incríveis mostrando seus saberes e dando vozes a suas buscas. A proposta voltada para olharmos para as infâncias e nossas crianças não perdeu seu propósito quando em mim conectou as vozes da menina na infância à formadora de professores que tem como paixão estudos relacionados a elas.

Tendo este curso permitido estabelecer relações entre o meu interno e o externo, mostrar o que sei e o que não sei e construir um lindo processo de estudo, minha escolha de pesquisa fez muito sentido e, ao término da leitura, você, leitor, compreenderá. Escolhi falar sobre “Mostra”, exposição comum nas instituições de ensino e seleciono uma em especial: a “Mostra Sconfinamenti”, mostra realizada em Reggio Emilia — cidade localizada no norte da Itália e que atravessou fronteiras para que educadores brasileiros pudessem viver a experiência.

Decidi falar de mostra educacional, experiência pedagógica vivida em quase todas as instituições de ensino básico do Brasil e em muitas partes do mundo e propor uma reflexão sobre as possibilidades de olhares e ações que esta prática pode propiciar, tanto para quem produz, como para quem participa.

Proponho, portanto, fazer uso de uma lupa para olhar para a

experiência Mostra, a partir da **“MOSTRA SCONFINAMENTI — ATRAVESSAR FRONTEIRAS”** — Encontros com sujeitos vivos — Paisagens digitais e assim obter um recorte da experiência para entendê-la como dispositivo formativo, por meio de análise, comparação, interpretação e explicitação dos manifestos de saberes ampliados com esta lente.

Enfatizo que este trabalho não tem como finalidade analisar e debruçar-se sobre a Mostra Sconfinamenti, mas sim pensar, a partir dela, a “Mostra” como dispositivo de formação de professores pesquisadores e de lugar de pesquisa contínua tanto para o corpo docente quanto para o corpo discente.

Neste olhar, ampliado com a lupa, meu foco será nos educadores: professores e coordenadores de instituições de ensino básico que são produtores de ações como esta junto à sua comunidade escolar e que podem interessar-se por esse olhar ampliado.

Quantos olhares uma Mostra pode propiciar? Qual sentido dou ao uso desta ação nos espaços escolares? Quero mostrar o quê, para quem e pra quê?

Arnaldo Antunes, poeta, músico e compositor brasileiro em uma de suas músicas afirma: “O seu olhar melhora o meu”.³

A relação com outro professor e a troca de experiências com o outro possibilitam, incentivam, provocam e criam oportunidades para enriquecer a experiência individual junto ao coletivo, evocando o acervo pessoal e a sua articulação no processo de sua formação continuada como professor-pesquisador.

Portanto, quando em escolas produzo uma mostra e convido os participantes para que vejam o que a comunidade escolar vivenciou durante o seu percurso escolar, quero compartilhar uma bagagem de conhecimento recolhida com o grupo daquele lugar.

³ Música de Arnaldo Antunes, **O seu olhar**, produzida em 1995.

Uma Mostra da “exposição” ao lugar, as pessoas ao que aprenderam, apresenta a pesquisa do grupo que viveu os processos de estudo. Uma Mostra pressupõe a exposição de uma série de investigações, de pesquisas desenvolvidas entre as crianças e educadores e dos educadores entre si.

Partindo destes pressupostos, proponho uma analogia entre a **“MOSTRA SCONFINAMENTI — ATRAVESSAR FRONTEIRAS”** e as mostras realizadas nas escolas, e refletir especificamente quais as potências de criarmos uma ação que deseja dar visibilidade ao conhecimento. Como uma Mostra pode dar visibilidade ao processo de pesquisa que acontece na escola?

Esta foi minha tarefa, e desejo que este exercício pontual possa contribuir com os leitores em ampliar o olhar para o evento Mostra nas escolas como uma ação de muita exposição, de pesquisa, de visibilidade do interno e externo de cada lugar e que possa gerar outros olhares e formas de produção de conhecimento.

Quebrar o paradigma de que pesquisa seria especificamente a de quem está dedicado ao campo acadêmico universitário tem sido minha premissa enquanto formadora de professor. A pesquisa para mim está no desejo, na busca e no olhar; não somente durante a produção de um trabalho acadêmico se faz pesquisa. O atuar de um professor todos os dias já pode ser uma linda investigação. Quando apresento a mostra como fonte de pesquisa, desejo neste trabalho expor o quão importante ela pode ser para divulgar a pesquisa e os processos dos pesquisadores, nas instituições de ensino que dia a dia podem se ver potentes investigadores junto às perguntas das aprendizagens das crianças.

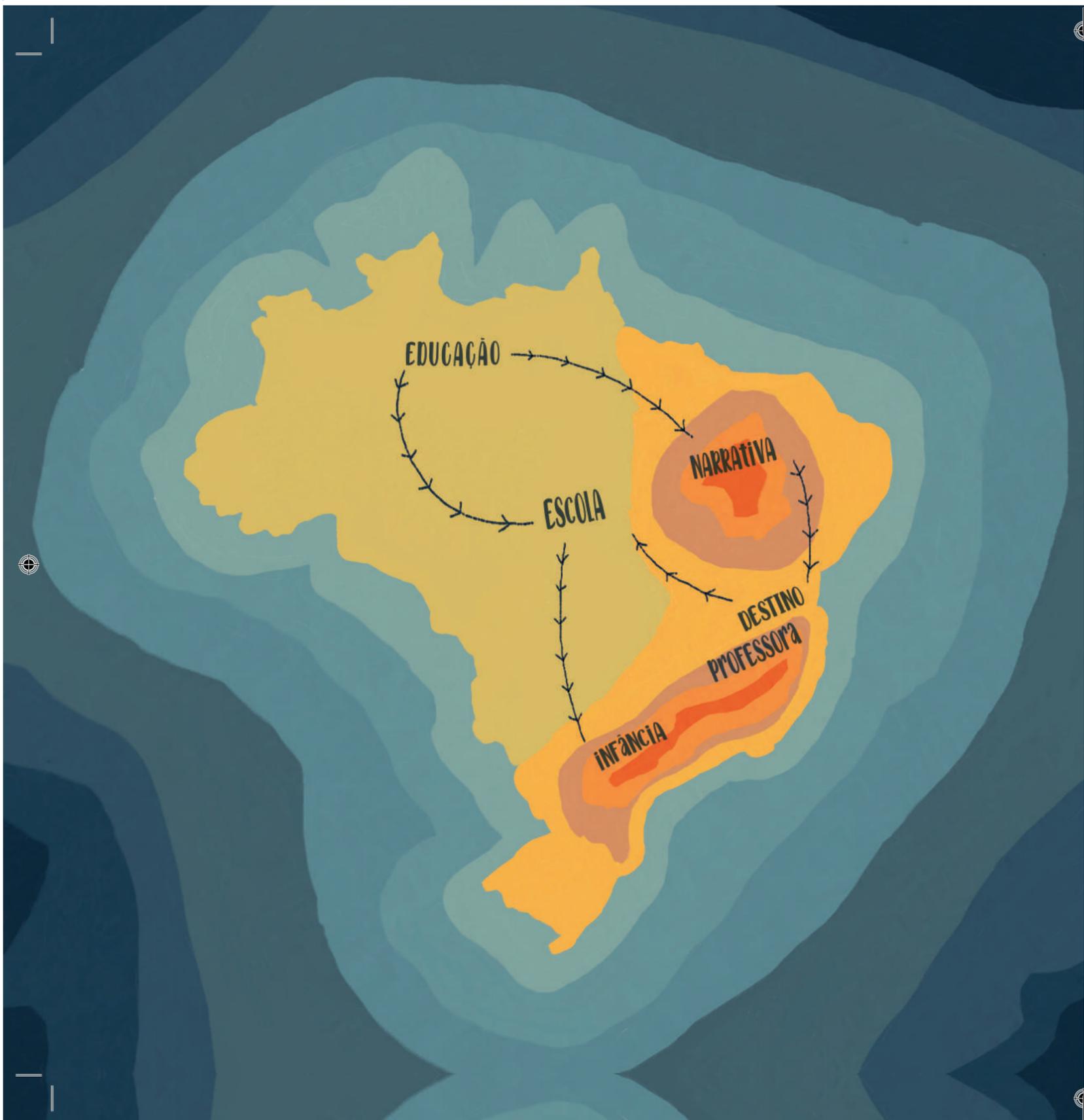
O professor junto às crianças provoca nelas a investigação e enquanto provoca investiga a si. Para tornar-se um professor pesquisador, entendo que seja preciso se deslocar cognitivamente ou fisicamente, estar disponível para se

surpreender, conhecer, investigar, refletir e ter o encantamento como instrumento em sua ação educativa, ser curioso, pesquisador do seu ser professor: processos que reconheci na “Mostra Sconfinamenti” e que apresento no desenvolvimento dessa pesquisa de analogias de processo.

O professor-pesquisador precisa suspender o tempo, o cotidiano pragmático para sistematizar sua experiência. Pesquisar precisa de outros pontos de referências. Desejo revelar que ações na escola no dia a dia podem ser transformadas, sim, numa grande Mostra, mas uma Mostra contemplando percursos significativos, em que os autores possam dar visibilidade a sua pesquisa e instigar o outro a também pesquisar.

No primeiro capítulo conto um pouco da minha trajetória pessoal e um recorte da minha constituição como educadora-pesquisadora, até chegar às atuais experiências como formadora de professores, coordenadores e gestores na empresa a qual fundei: Diálogos Viagens Pedagógicas. Considerarei importante dar a voz à criança que fui e narrar o percurso da profissional desta educadora que se encontra hoje em constante movimento de pesquisa. No segundo capítulo procuro contar um pouco sobre a “Mostra Sconfinamenti — Atravessar Fronteiras — Encontros com Sujeitos Vivos Paisagens Digitais” situando o seu histórico e como ela aconteceu no Brasil. No terceiro capítulo analiso imagens fotográficas, que neste trabalho nomeio como Cenas, e dessas imagens extraí uma sequência de verbos os quais considero fundamentais para a constituição desse professor-pesquisador, verbos esses que se fizeram presentes de maneira potente nessa mostra e que analogamente compreendo que pode ser da mesma forma nas mostras escolares realizadas em tantas instituições de ensino deste país. Por fim, apresento uma conclusão, partilhando com os leitores o que aprendi com essa experiência e quais novos questionamentos se abrem a partir desta pesquisa.

⁴ Diálogos Viagens Pedagógicas é um Centro de Formação de Professores, fundado por mim e Fabiane Vitiello, e que nasceu em 2009 após a organização de uma viagem entre amigas para conhecer uma escola na Argentina. Em 2011, oficialmente a Diálogos é fundada como empresa. Em 2016, cria a Diálogos Embalados, kit pedagógico enviado a várias cidades e estados brasileiros para auxiliar na formação docente. Em 2017, abre um lindo espaço preparado para receber os parceiros professores em suas ações de formação, inaugura a Casa Diálogos, localizada em São Paulo. Para saber mais: www.dialogosviagenspedagogicas.com.br.



CAPÍTULO 1 O que me fez ser quem sou, a vida que se toma na mão, eu na escola e a escola em mim, a minha voz na voz da profissão e outros

Sou carregada de histórias de mudanças, narrativas traçadas em muitos lugares e contextos, caminhos que foram tecidos com a força do querer fazer e o anseio de aprender. Como educadora, nunca me faltou o desejo de saber sempre mais, uma curiosidade inquieta e que me acompanha.

A busca por conhecimentos relacionados a minha profissão e de olhar constantemente para a educadora que sou me motivou lançar-me à pós-graduação: A Voz e a Voz das Crianças.

“É nas narrativas que a professora-pesquisadora-narradora justifica suas escolhas, se transforma quando entrelaça passado-presente-futuro na vida social à qual está inserida.”⁵

Iniciar esta escrita me remeteu a boas lembranças de uma menina que descobriu a escola aos 6 anos e tem como memória viva os lindos gestos de uma professora que encorajava a sua aprendizagem e a construção do conhecimento. No Grupo Escolar Senador Flaquer, escola localizada em São Caetano do Sul, e em 1971, aos meus 6 anos é plantada a semente no meu ser: **Ser educadora.**

O poeta sírio Adonis diz que “*Só quem se misturou ao horizonte pode abrir um caminho*”⁶ e esse caminho de linha tão bem traçada, forte, não linear me fez seguir com a coragem e o desejo de que a semente em mim fertilizada naquela escola de primeira infância fosse mais que um trajeto, um destino ao mundo da Educação.

Mundo em que me encontro descobrindo dia a dia, com a mesma curiosidade da menina, que vive e investiga a sua vida para entendê-la e assim poder produzir sua narrativa.

⁵ PRADO, G.; SERODIO L.; PROENÇA, H.; RODRIGUES, N. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação, uma perspectiva bakhtiniana.** São Carlos: Pedro & João, 2015, p. 17.

⁶ ADONIS. **Poemas - Adonis;** organização e tradução Michel Sleiman; apresentação Milton Hatoum, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

1.1 EU NA ESCOLA. A ESCOLA EM MIM

A menina que amou a escola assim que lhe foi apresentada guarda em sua memória o afeto do lugar, das relações, das possibilidades e que não se prendeu ao mundo exterior que era carregado de limites, regras e uma ordem, até então não entendida durante a infância. Meu mundo era mais leve, pequenino como o xadrez vermelho que cobria meu corpo e representado pela lancheira em forma de casinha que me atravessava carregando carinho em forma de pão feito pelas mãos de minha mãe. Ia para a escola com meu alimento para o corpo e pra lá corria, feliz para alimentar minha alma.

Como amava a escola!

A menina que carregava sua carteirinha escolar com a escrita **“O Brasil conta com você. Estude e trabalhe”** não entendia o que se passava no mundo exterior, marcado por uma palavra dura, “Ditadura”, em que os adultos sabiam bem o significado, um dos regimes não democráticos, autoritário, que exigia nessas palavras o que a infância não exigia de mim.



Imagem 1



Imagem 2

Carteira pessoal, usada durante os anos de 1970 a 1971 para ir à escola. Foto Ilustrativa: acervo pessoal.

Manoel de Barros diria: “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade [...]”⁷

Minha escola tinha quintal, e subir e descer de um escorregador em forma de foguete me levava ao céu e ao chão por muitas vezes, livremente, ensinando-me os altos e baixos da vida. Escutar a leitura dos livros feita pelas professoras me fazia pensar em gestos, em jeitos de ser, me levava a outros mundos, ensinava e me enriquecia de possibilidades.

Acolhia em mim, um lugar sagrado que marcou o repertório de uma vida escolar na infância.

Adolescente, faço a escolha de ser professora e entro para a escola de Magistério, Américo Brasiliense, em Santo André.

Uma caixa de giz e um avental atraíram meu olhar para o mundo que era ainda muito primário em minha mente. Pensar em trabalhar com crianças era saber que manteria viva a minha criança interna a cada gesto e olhar do pequeno com quem sentia prazer de estar. Estar com as crianças seria a representatividade de minha criança: gesticulando, se apresentando com a curiosidade, o desejo e a alegria de ser o que é.

1.2. O TEMPO E A VOZ DA ESCOLA

Entrar em contato com a nossa memória como educador é olhar para as lembranças com a distância dos anos e descobrir as motivações possivelmente que orientaram algumas de nossas escolhas, podendo dar-lhes novo significado com o

⁷ BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo, Memórias Inventadas, Achadouros**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 151.

passar do tempo.

Era certo de que meu horizonte havia se misturado e me levado a caminhos que eu desconhecia. Adolescente chego a Pindamonhangaba, 1983, para dar continuidade aos percursos de vida e escolar. Completo o curso de magistério iniciado em Santo André e assumo a docência na primeira escola.

Levava para a escola minhas experiências de vida, memória de infância e os modelos de educadores que me foram referências. Formada, carregava um tanto do meu ser e outro de uma formação em que metodologias aprendidas durante o processo formativo não correspondiam à realidade da prática. Fazia uso do que carregava nos bolsos, dos subsídios possíveis para a ação.

A experiência compartilhada com professores que me apresentavam uma conduta mais pragmática, nos primeiros anos de profissão, me afetaram, pois desejava proporcionar às crianças outras propostas educativas e me via repetindo modelos.

Meus pensamentos viviam em ebulição, instigados por constantes leituras e diferentes teorias apresentadas, mas por exigências oficiais e institucionais seguia na ação a metodologia da escola.

A inquietude entre desejos inovadores e a criatividade me consumiam, o que me fez desviar o olhar do magistério para as Artes, pois sempre acreditei que a criatividade é parte de nosso modo de aprender. Mas onde estava a criatividade na minha ação com as crianças?

Em 1989, entro para a faculdade para fazer Artes Plásticas e assim colocar o meu modo criativo em jogo. Hoje vejo que essa mescla mais uma vez com o horizonte abriu caminhos em meu percurso profissional.

1.3. EU E O SER PROFESSOR

Ainda nos anos 80, sentia que não bastava somente ser professora, queria entender o sistema educacional, conhecer outras referências, experienciar outras possibilidades. Portanto, este ato de inquietude, de sentido e significado me impulsionou a atravessar os anos em deslocamentos constantes e a viver muitos caminhos. E até hoje encontro-me novamente desejando dar novo significado a minha bagagem educacional.

Nesta minha busca, partirei do olhar de “um tipo de escola” em que o programa determina a rotina, e o tempo é tomado ao cumprimento de ações muitas vezes predeterminadas por um programa. Sendo este modelo de escola considerado mais comum em nosso meio escolar, o modelo pouco propicia espaço para suspender o tempo ao interesse individual, seja das crianças seja do professor, na busca de refletir e partilhar seu papel enquanto educador.

Vivo o século XXI, e ele me mobiliza a olhar para os modelos educacionais e seus espaços, processos e ações. São muitos os olhares, didáticas, novos pontos de vista interpretativos e de movimento que têm gerado a busca de uma nova identidade escolar e profissional para o educador, provocando revisões constantes. Que professor fui e o que este novo século junto às crianças exige de mim?

Cada um carrega em sua bagagem suas convicções, conquistas, dúvidas, erros, saberes e não saberes. E o que fazer com essa bagagem? Atuar de forma investigativa exige do professor expandir sua ZDP.

“Zona de desenvolvimento proximal”, conceito desenvolvido por Vygotsky, diz que ZDP - Zona de desenvolvimento proximal é a distância entre

o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através de solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais eficazes.”⁸

Exige um encontro do que já sei com o que não sei — diálogos internos e externos. Pôr-se na posição “in” de investigar, internalizar, tomar a ação pesquisadora como busca de conhecimento interno. Exige deslocamentos, conhecer outras realidades, lugares e contextos e promover uma reflexão sobre sua atuação enquanto educador. Exige registros, reflexões, embasamentos teóricos, desejar querer viver outras experiências.

[...] nossas práticas educacionais também são construídas a partir das experiências pessoais nas diferentes relações que estabelecemos com a vida e o mundo, como diz Ferreira (2013, p. 105), com Paulo Freire e com Antônio Nóvoa:

Freire (2002, p. 106) nos diz: me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Esta proposição nos convida a transver, a partir do profissional, a pessoa do professor. Somente um ser humano consegue educar outro ser humano e por isto a dimensão da personalidade no exercício da profissão docente tem importância fundamental, pois, como escreve Nóvoa (2009, p. 38), ensinamos aquilo que somos e, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. A profissão docente é, essencialmente, uma profissão da relação, colocando em jogo toda a personalidade do professor.⁹

Frente a esta prática constituída com o outro, citada por Paulo

Freire e Nóvoa, a formação dos professores vem exigindo de cada educador novos repertórios.

Quando apresento a palavra “repertório” nesta narrativa, relaciono a bagagem pessoal, legado composto por vivências, experiências, memórias, formações e constantes estudos.

Portanto, para conhecer novas teorias, é preciso colocá-las em reflexão com aquelas que já conhecemos. É preciso deslocar-se, sair em busca do conhecimento.

Para que o profissional da educação possa alterar seu próprio status enquanto educador e transformar-se num pesquisador, no sujeito curioso que indaga, reflete, compara, modifica sua raiz, ativa novos pensamentos e palavras confrontando seus saberes sempre em relação a algo ou alguém, ele precisa primeiramente DESEJAR.

Desejo não me faltou, talvez por este motivo tenha buscado junto a outras vozes novos horizontes para me compor e recompor, seguindo.

1.4. O OUTRO NA MINHA VOZ E A VEZ DA FORMADORA DE PROFESSOR

Numa formação de professor considero importante, portanto, fazer render o conhecimento de cada educador, respeitar seu repertório, dar atenção à bagagem que carrega e que expõe seu ser, contemplar as muitas vozes que o compõem, dar vez à escuta de seus saberes.

Acredito que nas formações devo sempre propor a abertura da bagagem de cada professor e ter esta portadora como um conector ativo de saberes e explorações junto às de outros professores.

⁸ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_de_desenvolvimento_proximal. Acesso em: 1º julho 2020.

⁹ PRADO, G.; Serodio L.; PROENÇA, H.; RODRIGUES, N. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação, uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João, 2015, p. 131.

“Processos formativos precisam oferecer oportunidades para que os professores busquem pontos de intersecção com seus pares através de depoimentos e relatos de experiências. Nesses processos, convive-se com a declaração de dúvidas e angústias, a confirmação das conquistas e o enfrentamento das dificuldades num movimento de interlocuções, de acolhidas, de pontuações necessárias que enriquecem o trabalho, tanto no individual quanto no coletivo.

Ao entrar em contato com sensações, sentimentos e palavras, a memória ativa e recria os seus conteúdos e favorece a aprendizagem. O afeto e a aprendizagem estão profundamente relacionados. Só fica o que significa.”¹⁰

Alberto Manguel (2015, pp. 11 e 12), em seu livro Uma história natural da curiosidade, disse que as perguntas nos unem, porque queremos aprender com o outro, demonstrar interesse e curiosidade. Portanto, aprender aos pares ou em grupos é sempre mais significativo, mas, pensemos:

Se enquanto profissional não tive uma formação para ser um professor pesquisador, como posso ser?

É preciso conhecer outros mundos, olhares e novas possibilidades, trazer à superfície o que talvez esteja ainda obscuro por camadas de dúvidas, anseios e não saberes. Dar novo significado ao caminho profissional.

Mas, por onde começar?

Como o professor hoje entende ser profissional pesquisador?

Como se afastar das formalidades de pesquisa e criar uma intimidade com o saber repertoriado por experiências? Como dar a ver?

¹⁰ PLACCO, V. M.; SOUZA, V. L. T. (orgs). **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 35-38.

“Dar a ver mais do que acreditamos ver. Dar a ver aquilo que é imperceptível aos olhos de um paradigma de ciência que tem a tradição de apenas positivar aquilo que pode ver”¹¹

Que experiências atravessam o educador e o provocam a uma pesquisa?

Pesquisar é complexo, é movimento constante, são saberes em jogo, é prova a todo momento. Gera conflito entre o que carrega e seus saberes. Pesquisar provoca um distanciamento temporal e cognitivo na busca de não simplificar o investigado e a investigação, promove deslocamentos físicos e cognitivos.

Quais seriam as metodologias de pesquisa tão necessárias a esse profissional que não foi instigado a ser um pesquisador e se vê à frente desta necessidade?

“Um caso de pesquisa que é constituído não como problema a resolver, mas como o próprio.”¹²

Transver-se enquanto educador e encontrar seu ponto de dor pode ser um caminho na busca da pesquisa. Mas, o que encontro como dificuldade na minha atuação como professor?

É preciso pesquisar o seu mundo enquanto profissional, com desejo, em meio ao não saber, suspender o tempo. Desejar um espaço para produzir fissuras no conhecimento que, ora, um dia foi sua melhor bagagem.

Como se afastar das formalidades de pesquisa e criar uma intimidade com o saber repertoriado por experiências?

É preciso se sentir afetado para pesquisar.

“Júlia Dutra diz que “afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer.” “Entre as variações de afetos vividos percebemos que algo convoca ao movimento de pesquisar.”¹³

¹¹ FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L. **Pesquisar na diferença um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 10.

¹² FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L. **Pesquisar na diferença um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 12.

¹³ FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L. **Pesquisar na diferença um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 25.

1.5. DIÁLOGOS VIAGENS PEDAGÓGICAS E O ENCONTRO COM A "MOSTRA SCONFINAMENTI"

Educadores dos mais diversos contextos, cidades e estados brasileiros semanalmente frequentam a Diálogos Viagens Pedagógicas — centro de estudos educacional, na busca de dar novo significado a seu legado de conhecimento.

Nos últimos 10 anos, tempo em que atuo no Centro de Estudos Diálogos, percebo o aumento e a procura dos educadores em participar de encontros formativos. É comum ouvir o professor manifestar seu desejo em ser pesquisador e desejoso de dar novo significado a seus saberes, articulando prática e teoria, mas não consegue junto a sua atuação profissional se debruçar sobre a pesquisa.

Quando o professor, autonomamente, escolhe participar de uma ação de formação, carrega consigo a sua história e o desejo de continuidade na profissão. Nenhum professor vem zerado para a formação, traz sua bagagem, sua memória, num repertório singular, rico em significado. Portanto, quando penso em formação, penso na pluralidade e no que o encontro pode propiciar, seja pelos contextos, lugares, repertórios culturais, seja por valores e crenças, onde os professores possam colocar em jogo seus pontos de vista e com isso mobilizar seu olhar para ajustes ou mudanças.

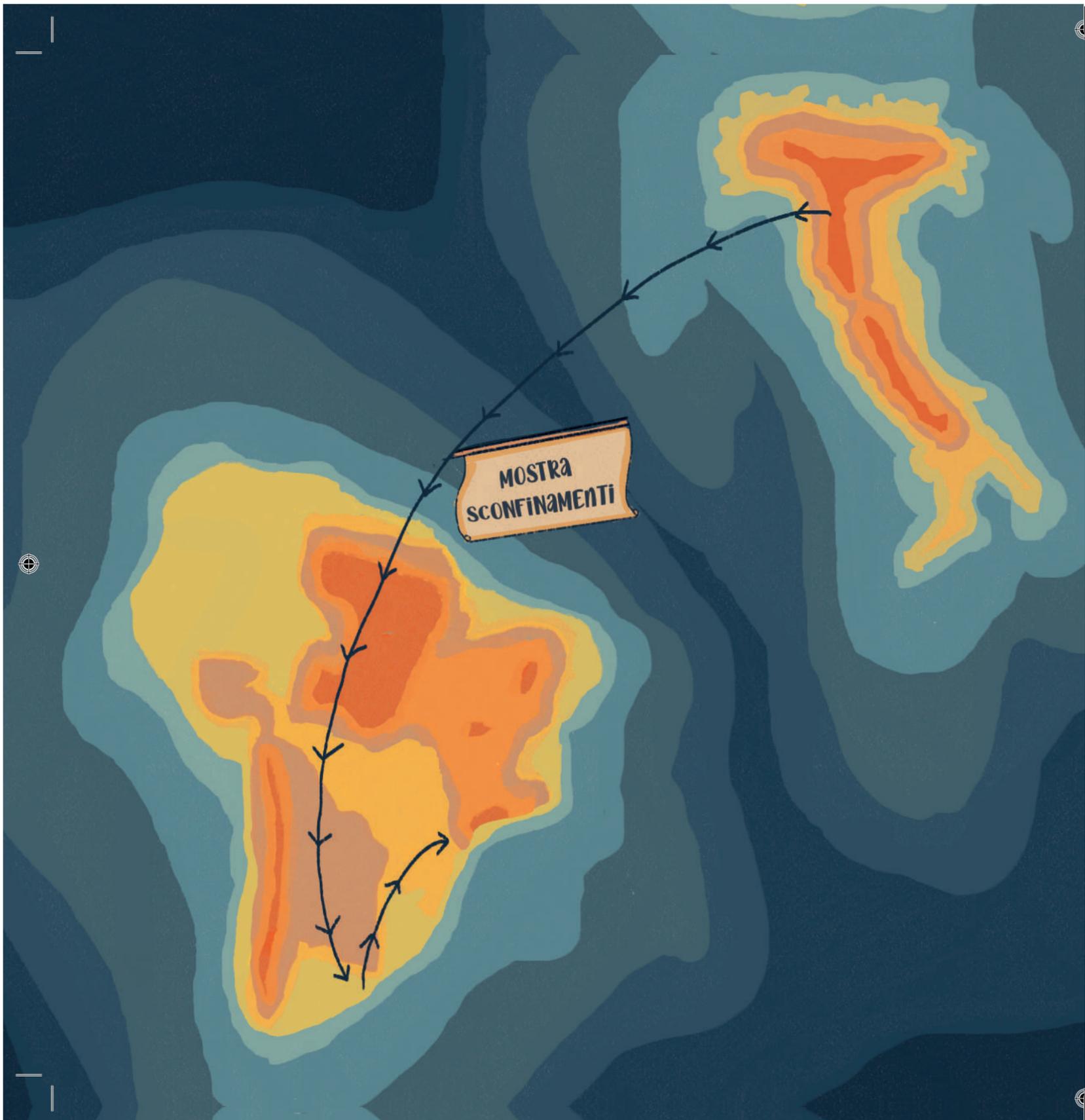
É muito importante que o professor se afete a cada formação e se veja renovando sua bagagem. Entender a bagagem como a coleção de suas práticas, experiências, vivências é entender-se sujeito social, transformador, é entender que seu caminho se faz caminhando.

O educador começa a se transformar quando investe em suas ações e deseja novos caminhos, obter referências bibliográficas (acadêmicas, científicas), dialogar com pessoas e participar de estudos que possam apoiar sua formação e seu aprendizado. Segue em seus contextos educacionais interessado, desenvolvendo novas habilidades, e ferramenta contribuindo no mundo educacional.

Se o mundo muda, preciso reavaliar o que carrego sob a guarda e o que necessito inovar e/ou transformar. Portanto, a formação de professores deve passar também por uma recriação do legado, deve ser um revisitar e reorganizar de sua bagagem. Mobilizar os elementos que o compõem e que muitas vezes estão imersos entre o medo de se expor e do não saber. Evocar suas dificuldades ou facilidades e olhar para os entraves e resistências num corpo que abriga memória, o legado de conhecimento são ações muitas vezes difíceis, mas necessárias.

“Ao acessar a memória de como outros se tornaram e atuaram como professores, distinguimos aspectos comuns à nossa própria história e dela diferenciados. Essas histórias nos situam e dão sentido à opção pela profissão de professor. Sem esta memória, não haveria o que contar. Não fazer referência às histórias de professor é uma lacuna imperdoável na formação. Estas histórias contêm pistas importantes do que fazemos agora, do que nos motiva ou paralisa, das condições com que nos deparamos.”¹⁴

¹⁴ PLACCO V. M.; SOUZA V. L. T. (orgs). **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Loyola, 2006, pp. 35-38.



CAPÍTULO 2 Atravessar Fronteiras: Relato de uma experiência que revela ações entre teoria e prática

Na tarefa de produzir meu trabalho de término de curso a partir do tema: TORNAR-SE UM PROFESSOR PESQUISADOR: A “**MOSTRA SCONFINAMENTI – ATRAVESSAR FRONTEIRAS**” COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO, desejei retomar a experiência vivida ao lado de 1 000 educadores brasileiros e atravessar esta fronteira por meio da memória e registros feitos durante a vivência com esta exposição. Busco nesta retomada analisar e refletir sobre o evento “Mostra”, ação pedagógica que tem como objetivos compartilhar junto à comunidade escolar os processos de aprendizagem e a produção final de conhecimento numa grande exposição. Para mim, a mostra demonstrou ser um ótimo campo de estudo e investigação, pelas possibilidades de mostrar processos de aprendizagem.

Foi pela participação durante a Mostra e por perceber nas vozes de muitos educadores às indagações sempre relacionadas aos seus contextos educacionais e às crianças que me fez olhar para esta proposta e fazer dela meu estudo. Ouvi, de diversos educadores durante a participação, afirmações, questionamentos, frases de encantamento, busca de referências, dúvidas e surpresa, por se depararem com o lugar — Mostra Sconfinamenti — que apresentava estruturas de investigação provocando confrontos de conhecimentos, perguntas e levantamentos de teorias, desvelando assim saberes e não saberes.

Convido você leitor a uma viagem, aqui apresentada, mas em forma de escrita com o relato da Mostra Sconfinamenti, mostra educacional que vivi por duas vezes no ano de 2019, tendo a primeira participação na Argentina, em julho, e em novembro no Brasil, em São Paulo, onde assumi junto à Fabiane Vitiello trazer a Mostra ao Brasil, sua produção, montagem e acompanhamento. Uma ação que

serviu como inspiração pedagógica de aprendizagem.

Entendo que na educação vivo uma constante situação de pesquisa e que me propicia sempre um novo direcionamento, uma nova pedagogia. Uma Mostra pode ser entendida, também, como uma situação de pesquisa e de formação, como um lugar de deslocamento de conhecimento e produção de pesquisa tanto para quem produz quanto para quem vivencia como espectador.

Como referência, nesta pesquisa apresento a “Sconfinamenti”, mostra vinda da cidade de Reggio Emilia¹⁵, localizada no norte da Itália e com apenas 170 mil habitantes. Tornou-se conhecida mundialmente pelo seu modelo de excelência em educação, sendo hoje uma referência para pedagogos e profissionais da área da educação.

Busco com esta pesquisa revelar como os educadores que visitaram a Mostra apresentaram suas curiosidades, adentraram a experiência e demonstraram interesse pelo processo de produção da Mostra que teve a voz de crianças e professores italianos, tornando possíveis suas escutas, durante leitura dos registros apresentados nos cadernos ali expostos e na apresentação dos vídeos que traziam trechos das experiências com as crianças.

Como a Mostra se mostrou?

A Mostra, intitulada **“Mostra Sconfinamenti — Atravessar Fronteiras — Encontros com sujeitos vivos — Paisagens digitais”**, inédita no Brasil, foi oferecida aos educadores na cidade de São Paulo de 10 a 27 de novembro de 2019 e recebeu uma programação voltada a grupos de educadores. A estrutura foi organizada e produzida pela Diálogos Viagens Pedagógicas — Centro de formação de professores em parceria com a Redsolare Argentina, rede de articulação e difusão das ideias educativas de Reggio Emilia.

¹⁵ Reggio Emilia é uma cidade italiana da região da Emilia Romagna, cidade em que tive a oportunidade de conhecer e participar de 8 intercâmbios de estudos. Tem uma proposta educativa que muito me inspira e que busco como referência em minhas formações e que tem a Mostra Sconfinamenti apresentada como tema neste documento.

Entre os dias 6 e 9 de novembro daquele ano, foi promovida pela Diálogos e Redsolare Argentina uma experiência formativa que dava início a como seria pensada e produzida a Mostra Sconfinamenti no Brasil. Um grupo com cerca de 50 educadores se inscreveu para participar da ação de formação “A Escola como um grande ateliê: pensamento, ambientação e contexto”, que foi ministrado por representantes de Reggio Emilia: a atelierista Federica Castrico, a pedagoga Marina Mori e Maria Vitória Alfieri, representante da Redsolare Argentina.

A ideia da montagem da Mostra, iniciando por uma ação de estudos e tendo um grupo de educadores dos mais diversos lugares e contextos escolares brasileiros para serem os coautores da exposição, tinha como objetivos:

- Ter a Mostra como objeto de pesquisa pessoal e de aprofundamento das possibilidades que este dispositivo pode propiciar;
- Viver um momento de estudo e investigação junto a educadores de diferentes lugares do Brasil e de escolas com atuações e metodologias diferentes;
- Participar de uma imersão de estudos contendo múltiplas linguagens;
- Compreender a visibilidade do material exposto na Mostra italiana, como possibilidade de ensino e aprendizagem dos adultos com as crianças e a importância de ser um professor investigativo.

Em São Paulo, no bairro de Perdizes, a Mostra foi organizada num espaço com duas salas. O critério expositivo percorreu os passos das vivências desenvolvidas nas escolas Reggianas, exibindo narrativas do processo.

Na **primeira sala**, um espaço com 13 painéis e 6 vídeos promovia ao público a leitura e o estímulo de vislumbrar o processo desenvolvido com as crianças e professores em suas

investigações e aproximações a 10 projetos de distintas creches e escolas de Reggio Emilia.



Imagem 3

Educadores fazem escolhas entre leituras dos painéis ou cadernos expostos na mesa.



Imagem 4



Imagem 5

Através dos painéis era possível conhecer como se deu o início de cada projeto, como aconteceu o desenrolar da proposta, o que cativou o interesse das crianças, as alterações no processo, como as crianças italianas apresentaram suas teorias, confrontaram hipóteses e seus interesses pelos instrumentos digitais e elementos naturais que se mantinham como dispositivos nos projetos.

Cada painel continha informações e uma síntese dos projetos desenvolvidos por professores italianos com as crianças, o que gerou nos educadores brasileiros uma série de perguntas durante a leitura dos seguintes projetos:

- Um pequeno ovo azul - Escola da infância La Villetta
- Plantas dançantes - Escola da infância Robinson
- O falso mais que verdadeiro que o verdadeiro - Escola da Infância Pablo Neruda
- Um lugar perfeito - Escola da Infância Gulliver
- Trajetórias - Escola da Infância Girotondo
- A terra - Diana

- Vida da hera: uma história para contar - Escola da Infância e de Ensino fundamental no Centro Loris Malaguzzi
- A Forsítia vista pelo sol - Creche Peter Pan
- O otimismo das margaridas - Creche Gianni Rodari
- Efeito Planta: da flor ao novo projeto de planta - Escola de infância Bruno Munari



Imagem 6

Professores demonstram interesse durante a leitura dos projetos apresentados nos painéis.



Imagem 7

Neste ponto faço aqui algumas reflexões a partir da introdução de como essa Mostra foi especificamente montada:

- O que desejo mostrar nos espaços configurados numa Mostra?
- Como dou visibilidade aos processos de aprendizagem que percorreram todo o tempo “entre” o tempo de estudos, pesquisas, produção, organização e espaços de exposição da Mostra?
- A Mostra carrega o sentido de Mostra, como parte de algo dado para ver, provar ou analisar, a fim de que a qualidade do todo possa ser avaliada? Ou é apenas uma “amostra” de atividades?
- Que sentido carrega uma Mostra nos espaços institucionais?

Retomando...

No centro da exposição, havia uma mesa exploratório-simbólica, com registros detalhados sobre algumas das atividades desenvolvidas pelos educadores de Reggio e a documentação processual de professores italianos distribuída em três pastas/cadernos onde poderiam ser lido os registros feitos pelos profissionais italianos que registraram todo o processo documental. Seus apontamentos, suas perguntas, as observações e suas pesquisas junto às crianças. Os cadernos/pastas produzidos pelos educadores continham uma parte do espaço e lugar em que a escola estava inserida, incorporando elementos importantes: o tempo, lugar e o contexto.

Os cadernos são instrumentos que oferecem a possibilidade de apreciar o percurso do trabalho e verificar os caminhos que o projeto escolheu percorrer.



Imagem 8

“Educadoras debruçam seus olhares sobre os materiais expostos na busca de uma maior aproximação aos materiais expostos.”



Imagem 9



Imagem 10

O critério expositivo propunha percorrer os passos do vivido nas escolas, com proposições similares dando oportunidade de expressar suas impressões após exploração e interação com essas propostas. Um espaço para leitura, reflexão, interação e de estímulo à construção de novos espaços, podendo ser alterado com a exploração de cada participante.

A **segunda** sala continha quatro miniateliês que, organizados em distintos contextos, apresentavam uma diversidade de materiais, elementos naturais e instrumentos digitais com objetivo de potencializar e transformar os contextos de ensino

e aprendizagem. Instrumentos como câmeras endoscópicas, scanners, microscópios digitais, lupas eletrônicas, câmeras fotográficas, tablet gráfico, computadores, data show, videoprojetores, lupa de cabeça, de bancada, mesa de luz digital permitiam novas maneiras de representação dos pensamentos e olhares entre o natural e o digital, entre a natureza e a tecnologia.



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13

“Instrumentos digitais potencializam e transformam os contextos da Mostra.”

O uso de instrumentos tecnológicos nas instituições é cada vez mais comum, porém ainda apresentam-se como recursos em que as crianças e educadores os utilizam de maneira passiva. A ideia de tantos instrumentos diferentes neste contexto era de promover uma ação que lhes provocasse outra maneira de acesso. As propostas faziam com que as pessoas, ao acessar, sentissem a necessidade de investigar a ferramenta e transpor-se de uma ação passiva para ativa.

Assim meu olhar se concentrou em investigar como os adultos com os materiais e contextos apresentados exploravam e investigavam os espaços.

A imagem abaixo nos traz um bom registro desta provocação, a forma como foi configurado o espaço, o uso dos dispositivos neste caso conectados entre si: um computador, um data show, uma câmera endoscópica provocaram esta educadora a entrar numa ação “entre”. Colocou-se em jogo com seu corpo, seus movimentos e suas representações multiplicadas “entre” luz e sombra, imagens estáticas e em movimentos, cores e ausência de cor, entre o real e o virtual.

“Professora faz uso de movimentos corporais ao interagir com os elementos expostos na Mostra, tornando-se parte da exposição.”



Imagem 14

Ao longo de duas horas, os visitantes puderam explorar e investigar miniateliês que entrelaçavam à temática o digital e a natureza em distintos contextos. A ação possibilitou a suspensão do tempo dos professores e, pela forma como estava configurado o espaço, convidou os educadores a descobrir de maneiras diferentes como se relacionar com os ambientes apresentados que para muitos eram contextos inéditos.

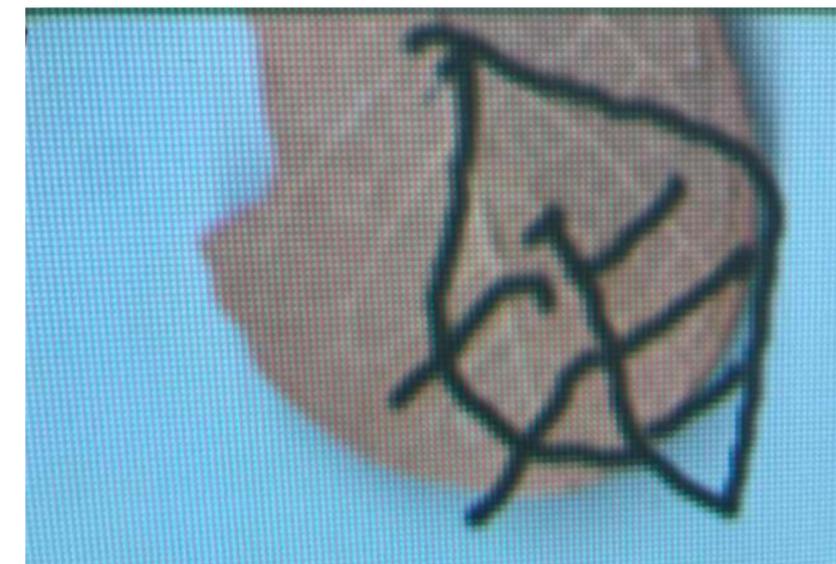
O percurso da Mostra entre as duas salas e pela forma como foi estruturado tornava-se um lugar de confronto de ideias e saberes. O uso da tecnologia digital (computadores, impressoras, microscópios, câmeras endoscópicas...) eram integrados aos ateliês, em interação com diversos materiais naturais (folhas,

galhos, sementes, flores...), onde a configuração dos contextos provocava interesse e curiosidade.

Exemplo: Um computador, conectado a um data show e a um microscópio digital, possibilita olhares tanto micro como macro e pode ser transformado, se assim desejar, por meio de aplicativos selecionados no computador.

O elemento natural (uma folha) observado através do microscópio, reproduzido no computador e projetado na parede ultrapassa os sentidos, provocando a travessia de fronteiras entre o natural e o digital. Como é ver uma folha a olho nu? E como é ver a mesma folha através de uma lupa, ou câmera endoscópica conectada a um computador? Como se dá sua projeção? Como posso alterar e transformar o que vejo com estas ferramentas?

Como e quanto o digital pode contribuir no meu olhar?



Desenho de uma folha entre o real e o digital

Imagem 15

Durante o momento de visita da Mostra, registro em meu caderno de anotações a fala de Renata Bernardello, educadora

que visitou a Mostra e ao olhar para uma folha diz: “Uma folha perguntando pra mim, você me conhece mesmo?”

Ao analisar o conteúdo, percebo que a frase carrega provocação sobre o olhar, quando ela se depara com materiais digitais dando a possibilidade de outra maneira de ver e conhecer a folha. Com esta escuta pude confirmar a ação do olhar sobre o elemento natural sendo expandido junto à linguagem do digital.

Não seria essa fala um revelar da Mostra sobre a interação e hibridização de linguagens entre o natural e o digital?

Os educadores por interesse próprio se inscreviam e visitavam a Mostra por 2 horas, onde participavam de um encontro de 20 minutos com as formadoras, sendo eu uma delas. Os primeiros 20 minutos apresentavam a estrutura da Mostra e promoviam algumas perguntas na busca de pautar a visita nos espaços. Os espaços eram apresentados e em seguida partiam para a vivência que pressupunha: observação, exploração e/ou investigação do visitante.

A Mostra Sconfinamenti — Atravessar Fronteiras ficou aberta durante 17 dias seguidos para que professores interessados pudessem se inscrever e participar da experiência. Os professores eram das mais variadas instituições e lugares do país. Na sua maioria professores de educação infantil e de escolas que fazem uso de materiais didáticos ou livros e seguem uma linha pedagógica diferente do contexto apresentado pelas escolas Reggianas, mas que manifestam o desejo e interesse em referências de propostas que possam inspirar alternativa de contexto.

Decidida a ter a Mostra Sconfinamenti — Atravessar Fronteiras como meu campo de pesquisa, me propus a estar presente e

acompanhar o movimento dos professores durante as visitas.

A participação do grupo de 50 professores com as italianas Marina Mori, Federica Castrico e a argentina Maria Vitória Alfieri, não apresentarei nesta narrativa, pois meu interesse se mostrou mais investigativo durante o acompanhamento, observação e registro de como os professores vivenciavam a Mostra, já organizada por este grupo que também viveu uma experiência incrível de pesquisa e formação.

Como instrumento de estudo durante a pesquisa, fiz uso de registros escritos em cadernos de anotações e fotos que compõem o acervo fotográfico da Diálogos e me foram úteis para escolha das cenas que compõem este estudo.

Para compartilhar as minhas descobertas apresentarei a leitura feita através dos registros fotográficos que muito revelaram. Ao analisar cada uma, me pus em diálogo com as imagens que foram desvelando os movimentos dos corpos, as ações e as expressões dos educadores diante dos contextos.

Foram muitas as vezes em que olhei para as fotografias, mas ao revê-las acompanhadas por Rayssa Oliveira e Raissa Cintra, pude transver as ações e perceber minúcias reveladoras da exploração e interesse dos professores visitantes. Busquei portanto me debruçar sobre cada imagem, ler cada detalhe, ver, rever e reinterpretar as ações dos educadores. Transver e capturar em verbos os movimentos. Detive-me a interpretar o pensamento demonstrado pelo educador, sua ação e intenção aparentemente mostrada.

[...] O recurso das imagens fotográficas revela não apenas instantâneos, um espelho de realidades, mas também pensamentos e intenções. [...] ¹⁶

¹⁶ TERZI, C. A.; MARTINS, C. M. **Sala de aula, quando eu entro e fecho a porta... Quando eu entro e abro a porta.** Rio de Janeiro: Wake, 2018, p. 104.

2.1. CONTEXTO DE EXPLORAÇÃO E INVESTIGAÇÃO

A importância da exploração e investigação na ação de tornar-se professor pesquisador.

“A investigação é outro conceito central em Piaget. À medida que o sujeito-aprendiz age sobre o mundo ao seu redor, vivencia a possibilidade de se transformar em pesquisador de seus afazeres. A familiaridade com determinados aspectos de sua prática propicia a oportunidade de transformá-la em matéria-prima de sua própria pesquisa. [...]

[...] Nesse contexto, a pesquisa é um poderoso aliado do professor em constante processo de formação, pois oferece instrumentos para buscar respostas às suas curiosidades e às faltas detectadas, preparando-o para lidar com situações imprevisíveis e com as novas informações que circulam a cada dia.”¹⁷

Contexto, neste campo de pesquisa, pode ser o campo educativo entendido como um lugar que abrange o ambiente físico e tudo que ali acontece, pode representar os espaços, comportamentos das pessoas que compartilham este lugar, suas ideias, culturas, conhecimentos, suas intenções.

No contexto escolar, podemos incluir toda a comunidade

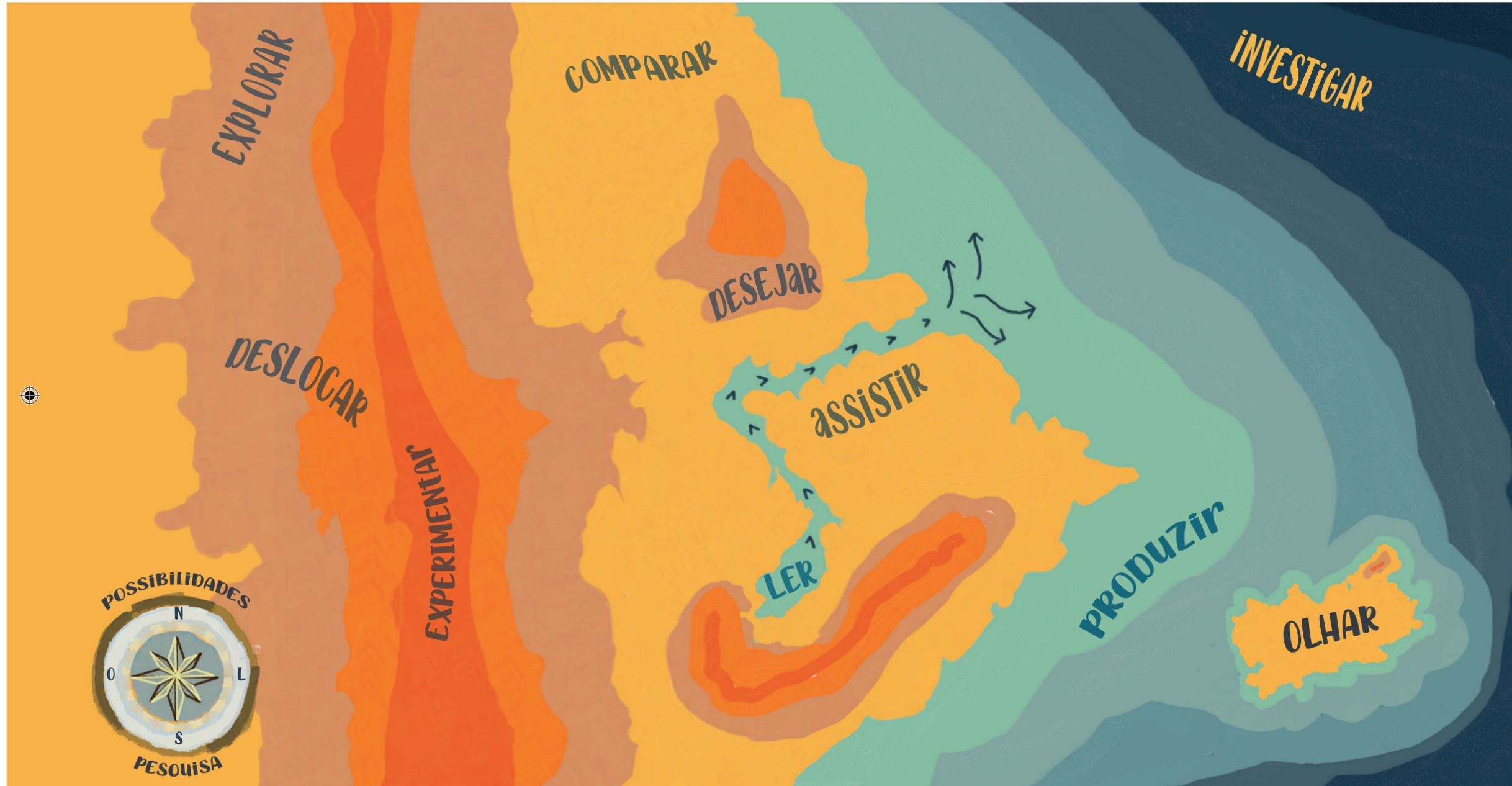
e suas ações que neste estudo foco em suas curiosidades e ações, fazendo uso de verbos para localizar o movimento de aprendizagem durante a vivência dos educadores em novos contextos, como a experiência de viver a Mostra.

A formação profissional pode ser caracterizada como um processo de experiências e vivências em contextos diversos, desenvolve-se primeiramente em suas ações cotidianas, no interior de suas instituições, através de práticas de observação, encontro com o outro, explorações e investigações de seus próprios contextos.

Como diz Alice Proença (2018, p. 19), no seu livro *Prática docente*, a pesquisa e a investigação da própria prática, possibilita transformar seus afazeres em suas próprias pesquisas.

Pode ser a Mostra um bom contexto de pesquisa? Justamente, pela Mostra apresentar-se num conjunto de variáveis (ideias, culturas, contextos, disposição do espaço, território, as experiências de cada pessoa), os acontecimentos externos atuam sobre os acontecimentos internos, esta relação pode gerar mobilizações investigativas a partir do contexto de cada educador. A Mostra passa a ser o lugar de confrontar o professor com o seu contexto. Um diálogo entre aquilo que ele já conhece — que traz no seu repertório — e aquilo que ele ainda não conhecia, que pode mobilizá-lo a conhecer, a pesquisar.

¹⁷ PROENÇA, M. A. *Prática Docente — a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas*. São Paulo: Panda Educação, 2018, pp. 18-19.



CAPÍTULO **3** Vozes que confirmam a Mostra como dispositivo de formação de professores pesquisadores

Para relatar, analisar e apontar caminhos para a formação de professores pesquisadores, a partir da mostra como dispositivo formativo, elegi algumas imagens, às quais nomeio como cenas. Apresento a seguir cenas que revelam o movimento dos educadores na busca do conhecimento. Seus corpos capturados através de imagens evidenciam o desejo ao conteúdo da Mostra, revelam as ações, os olhares e interpretações frente à experiência de viver a Mostra Sconfinamenti como um lugar de aprendizagem e de formação.

Revelam quanto uma Mostra pode apresentar-se como um novo campo de pesquisa depois de um processo intenso de

pura investigação. As imagens capturadas durante uma Mostra podem ser um bom instrumento de análise e avaliação para que os organizadores desse tipo de exposição possam fazer uso dele como documento pedagógico, reflexivo.

O que as imagens revelam? Quais foram os maiores interesses neste lugar? De quem e por quê?

Quais escutas parecem ser reveladoras para avaliar o que desejo mostrar e o que constatamos?

Que categorias podemos classificar das imagens após a Mostra e utilizar para uma ação de formação junto à equipe da instituição que produziu e viveu a experiência?

A que escuta darei mais importância na instituição a partir do que vi revelado na Mostra?

Quais perguntas posso perceber através das ações apresentadas nas imagens?

Cada imagem pode corresponder a uma ação, depende do olhar de quem vê, mas pode ser interpretada de outras maneiras, não há apenas uma, determinante. Considero por este olhar que o antes e o depois da Mostra são muito importantes para serem



revisitados com a equipe que a produziu. Trata-se de um campo riquíssimo de estudo e de pesquisa para dar sentido ao que fazemos e porque continuamos a ter Mostras nas escolas.

Nesta minha pesquisa, fiz a escolha, a cada imagem que chamarei de cena, de fazer a leitura das ações dos educadores durante as participações na Mostra; o que enxerguei, interpretei e por que escolhi cada verbo.

Desde o início desta narrativa apresento o verbo “desejar” e começo por ele a revelar as imagens.

No meu ponto de vista, a formação de um professor começa por desejar, é preciso que o interno entre em movimento e impulsiona o renovar da bagagem e assim sair do lugar, entrar em movimento... desejar, estar, ser...

Segundo Cláudia Abbês Baeta Neves, “DESEJAR é criar mundos, construir modos de estar, ser, experimentar os verbos da vida (amar, trabalhar, pesquisar, viver, pensar) em conexão direta com os mais diferenciados elementos de seu entorno e suas infinitas possibilidades de montagem.”¹⁸

¹⁸ FONSECA, T. M.; NASCIMENTO M. L. **Pesquisar na diferença um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 69.



>>>> **Cena 1: Educadoras visitam a Mostra após dia de trabalho.**



Imagem 16

Na cena 1, acima, duas educadoras uniformizadas após um dia de trabalho visitam a Mostra e juntas partem para a abertura de duas das pastas expostas na mesa central, da sala 1. O DESEJAR começa em visitar a Mostra, chegam usando uniformes da instituição em que atuam, revelando o sair desse lugar e dando lugar à continuidade de busca por aprendizado após um dia de trabalho. Portanto, desejam o ir, apesar do cansaço de um dia do trabalho, escolhem, desejam mais conhecimento, ver o que não foi visto. Saber mais, aprender!

Ambas dentre os espaços oferecidos na exposição selecionam ficar na primeira sala e direcionar-se à mesa exploratória exposta no centro da sala. Apresentam ações coreografadas, fazem uso das duas mãos para segurar as pastas, não se olham e lançam-se para o conteúdo do portador. Demonstram muito interesse, e

percebo como numa coreografia que pressionam os lábios o que pode ser interpretado pra mim como o desejo de degustar o que está por vir, de saborear os registros desenvolvidos por outros educadores, neste caso, registros dos educadores italianos de Reggio, que têm em sua prática habilidades no processo de documentar e que muito interessa saber.

Parecem desejar conhecer o que o outro tem a ensinar. Mostram interesse pelo outro.

Quanto desejos fazem parte nesta cena das educadoras ao debruçar o olhar sobre esses cadernos que apresentam conteúdos tão específicos, de um lugar educacional tão diferente do nosso?

Por que esses cadernos despertam desejo? O que os conteúdos expostos numa Mostra podem conter a fim de despertar no outro conjugar o verbo desejar?

Vejo aí uma boa pergunta para refletirmos sobre os objetos e/ou propostas dispostos numa Mostra?

Em Reggio encontro esta resposta...

“Os cadernos de estudo produzidos pelas professoras contêm uma parte do panorama e do ambiente em que a escola se insere, incorporando dois elementos importantes: o tempo e o contexto. São instrumentos de observação complexos de redigir, porque se colocam entre o documento jornalístico e a interpretação dos fatos, mas oferecem a possibilidade de apreciar, de maneira mais completa, o percurso de trabalho, olhar por trás das cortinas, verificar a complexidade e os possíveis caminhos que o projeto escolheu percorrer. É entre as linhas dessa convivência narrativa que se encontram as chaves para entender como a escola avança na direção escolhida.”¹⁹

¹⁹VECCHI, Veia, BONILAURO, Simona, MENINNO, Isabela, TEDESHI, Madalena. Mostra Sconfinamenti: atravessando fronteiras — Encontros com sujeitos vivos e paisagens digitais. 1ª ed. São Paulo: Phorte, 2020, p. 100.



>>>> **Cena 2: Educadoras
debruçam seus corpos
e parecem ler um ponto
comum.**



Imagem 17

Na cena 2 — outras duas educadoras debruçam seus corpos sobre a pasta exposta na mesa central da exposição e que apresenta o processo documental de um dos projetos desenvolvidos na escola de Reggio Emilia. Se buscarmos traçar um ponto de convergência no olhar destas professoras, arriscaria dizer que ambas encontraram na leitura um ponto comum e de muito interesse. Talvez a página sobre a qual ambas debruçam seus corpos e olhares possa ser para os seus contextos de muita relevância.

A professora da esquerda envolvida com a leitura do material segura com uma das mãos a pasta, enquanto a outra mão apoia o queixo. As duas professoras parecem alegrar-se com a leitura, demonstrando interesse e atenção ao conteúdo do material.

Entendo que a leitura é, possivelmente, uma outra maneira de estar em um lugar, e ao olhar a cena das duas professoras tão envolvidas na ação LER, penso que possivelmente poderiam estar em Reggio Emilia ou em suas instituições, estabelecendo

relações entre os lugares e o conteúdo do registro.

Quais registros escritos podem provocar interesse na leitura numa mostra? O que tais registros têm de tão interessantes para que o outro possa se interessar em ler, em debruçar-se sobre a leitura a ponto de não se perceber mais no lugar e partir para uma viagem enquanto leitor.

Que panoramas apresentam? Seria a maneira de como o professor narra seu percurso com as crianças, neste caso sendo um caderno documental? Ou seria como as personagens, neste caso crianças e educadores, constroem suas aprendizagens?

As palavras retratam o vivido pelo outro, mas diante do olhar de quem lê, o que provoca? Duas faces do mesmo ato, duas ações interessantes e possíveis de análise. Numa Mostra, como os textos apresentados irão mobilizar o outro a ver e como posso capturar o que veem?

Na busca de compreender como a Mostra confrontou o repertório das educadoras e o que mobilizou em suas práticas pedagógicas e reflexivas, enviei um questionário com algumas perguntas a educadores e recebi, por e-mail, como resposta da educadora Débora Zoia, a seguinte narrativa, da qual a seguir faço uma análise:

“Ter acesso aos cadernos da documentação dos projetos e perceber

como os educadores alinham o interesse, as teorias, as hipóteses das crianças, provocando-as a aprofundar seus conhecimentos a partir de contextos investigativos e utilizando múltiplas materialidades, me desafiou a trabalhar mais com o trabalho projetual...”

Que lindo constatar na fala de Débora Zoia, educadora brasileira, que através da leitura de portadores de registros potentes, neste caso cadernos/pastas expostos na Mostra mesmo no Brasil, revelaram os contextos italianos:

Débora, em sua fala, expressa as ações e propostas dos professores e das crianças italianas:

- como os educadores alinham:
- o interesse;
- as teorias;
- as hipóteses das crianças;
- seus conhecimentos;
- os contextos investigativos;
- como utilizam múltiplas materialidades.

Neste caso, os cadernos de registro documental feito por educadores de uma escola mostraram os movimentos vividos em seus lugares (acessar, perceber, alinhar, provocar, aprofundar) e mobilizaram a educadora brasileira na busca de novos movimentos, como ela bem expressa através dos verbos: desafiar, trabalhar.



>>>> **Cena 3: Grupo de educadores assistem ao vídeo “O otimismo das margaridas” da Creche Gianni Rodari**



Imagem 18

Cena 3: Um grupo de educadores de instituições diversas fixam-se por um tempo na frente de um monitor de vídeo para assistir ao vídeo: **O otimismo das margaridas – Creche Gianni Rodari**. Enquanto algumas sentadas compartilham um pufe, outras três mantêm-se em pé e com os olhos fixos na projeção. Ao ler essa imagem, percebo a permanência da maioria do grupo ao ver o interesse através dos olhares fixos. Algumas com suas mãos soltas no corpo parecem demonstrar atenção ao conteúdo. Uma educadora à esquerda, a de cabelos curtos e óculos, inclina-se para o lado como desejando fixar ainda mais seu corpo e se aproximar do que vê. Duas educadoras do grupo seguram o queixo e olham fixamente para o monitor exposto à frente.

O vídeo apresentado oferecia um olhar para a pesquisa, imagens de crianças interessadas pelas margaridas, do encontro com a flor e suas singularidades, o desejo de colher as flores e um desafio. Como colher sem arrancá-las do chão? Apresentava a teoria de uma criança que disse que margarida se transforma em borboleta, pois assim que chega perto de uma margarida, uma borboleta que ali estava subitamente voa.

Teria a margarida se transformado numa borboleta?

Assistir ao conteúdo do vídeo era assistir a uma visão de escola que promove experiências reais tecidas as imaginárias, que dá escuta às teorias das crianças e permite que elas possam estruturar critérios para comprovar ou não seus pensamentos.

Ao assistir aos educadores pela imagem, percebo que possivelmente em suas escolhas puderam confrontar suas ideias de aprendizagem e se assistirem. Assistir a um vídeo permite resgatar o olhar sobre as diferentes funções exercidas entre os autores, permite uma multiplicidade de visões a partir da bagagem de cada um e um diálogo interno. O olhar professor-pesquisador permite que ele relacione sua bagagem com o que vê, entrando em confronto com o seu interno.

Esses educadores ao assistir ao vídeo têm a possibilidade de construir novas interpretações, pois vivem a ação, os espaços e situações de um lugar que desejam estudar sob algum ponto de vista.

O que eu vejo que irá assistir em mim?

Este tipo de recurso utilizado na Mostra pode contribuir com o quê?

Quais perguntas o conteúdo pode promover?

Assisto e sou assistido com este recurso? Sou instigado? Quando escolho assistir, escolho por quê?

OLHAR

>>>> **Cena 4: Educadora
usa óculos com lente de
aumento na busca de
ampliar seu olhar.**



Imagem 19

“O olhar transforma o objeto, e a pessoa que o olha se vê transformada.” (TERZI, ANO 2018, p. 34)

Cena 4: Nesta cena uma educadora seleciona, entre os diversos materiais expostos na Mostra, um pinhão e um óculos com lente de aumento. Analisando, posso observar seu interesse de ver além do visível, de ampliar seu olhar. Estaria a educadora interessada em analisar o objeto natural e saber mais sobre ele, ou de explorar como a lente se comporta frente a seu olhar?

A educadora com um leve sorriso demonstra surpresa, olhar de curiosidade de um professor que parece experimentar pela

primeira vez outro jeito de olhar o mundo. Nesta cena há detalhes que podem ser compreendidos como uma micropesquisa do educador: por suas escolhas, pela exploração e manifesto de olhar, de investigar o que vê e pelo tempo de permanência na ação.

Como os óculos com lente de aumento apresentava-se como um elemento provocativo e novo no contexto, a óptica conectou o natural e o digital e possibilitou aprofundamento, visibilidades inesperadas, o inédito, um OLHAR estrangeiro.

Isto pode nos trazer uma boa reflexão ao escolher estar na Mostra, pois levo meu olhar para passear. Mas, o que provoca meu olhar a permanecer por um tempo desejoso de saber, de parar, olhar, investigar? Os objetos expostos, a estética, os materiais?

O que me faz grudar o olhar, expandir minha janela de visão, iluminar, ampliar como uma lupa, sem precisar tê-la fisicamente?

Sabendo que o olhar pode ser um instrumento de pesquisa quando o levo para passear, quais propostas devo organizar numa Mostra para provocar que o olhar veja, repare, se debruce, amplie e por ali teça diálogos com o que vê?

O que podemos pensar em promover para que os olhares sejam ampliados a ponto de ficar desejosos de uso de lentes e tornarem-se mais ativos?

Como uma Mostra pode nos tirar da miopia?

Enquanto acompanhava com meu olhar e fazendo registros das falas das educadoras durante a visita à Mostra, escuto de Cecília, educadora, a seguinte expressão: “Se a gente não trocar as lentes, a gente também não se transforma.”

Ao refletir sobre esta fala, confirmo meu relato sobre a busca de alguns educadores durante as ações de formação do movimento de se deslocar para se transformar.

EXPLORAR

>>>> **Cenas 5: Materiais
expostos na Mostra
promovem investigação
de educadores.**



Imagem 19



Imagem 20



Imagem 21



Imagem 22

Cena 5: Se considerarmos os materiais expostos nesse ateliê como um texto, posso dizer que as palavras que mais encontramos nesta leitura são classificadas como verbos: toque, levante, amasse, prenda, encaixe, vire, olhe, explore... Seria uma lista em que muitos deles estariam conjugados no modo imperativo, sendo impossível deixar de lê-los e cumpri-los.

Não seria este o propósito da produção de uma Mostra nas instituições: promover cenários que convidem o visitante a explorar seus mais diversos sentidos e com as mais diversas linguagens e assim revelar o quanto os produtores da Mostra viveram esta ação: explorar?

Nas cenas acima, educadoras frente a uma diversidade de materiais apresentados no ateliê não ficaram alheias, desinteressadas. Colocam-se como leitoras e buscam a cada material ler sua materialidade, elaborar relações e ações entre os materiais. Colocam em jogo mãos, mente, imaginação e seu

conhecimento.

O que é o explorar? Desejo de tocar, sentir, mexer?

O digital convida à exploração entre analógico e a um diálogo durante a exploração. O corpo inclui-se nesse contexto de exploração. Convida o educador, neste cenário, a assumir novas ações e descobertas, convida à ludicidade, a um novo mapeamento do espaço e dos materiais.

Nas cenas, enquanto as educadoras exploram, vejo que os movimentos de seus corpos vão se alternando entre alturas, posições e gestos. Trocam olhares, objetos de mãos, se aproximam, distanciam-se da projeção, entram literalmente no convite da proposta, exploram, multiplicam suas ações.

Escolheram estar ali e demonstram interesse pelos materiais e suas materialidades, efetuam maneiras de projeções diferentes, se surpreendem com os resultados, escolhem novos caminhos, examinam, se olham, demonstrando alegria em seus rostos.

É possível quase ler seus pensamentos...

Como a luz reage frente a um material translúcido ou a um transparente?

Existe diferença? Parecem levantar e testar teorias durante a exploração; não seriam estas ações reveladoras no movimento de tornar-se um professor pesquisador?

Não teríamos que propiciar em nossas

instituições mais propostas que possam provocar no outro o desejo de explorar?

Ana Carolina, aluna do último ano do curso de pedagogia, me responde via e-mail a seguinte pergunta que lhe fiz:

Quais foram as contribuições que a Mostra Sconfinamenti propiciou a você?

“A Mostra trouxe grandes contribuições para desenvolver e um olhar acompanhado de boas perguntas, como por exemplo, do por que a escolha de determinados materiais, como organizá-los em um espaço que proponha experiências ricas às crianças e qual “exercício” necessário para ressignificar minha prática dentro desses contextos...”

Ana Carolina, em sua fala, valida a ação de quem produziu a Mostra quando aborda a escolha dos materiais. Demonstra fazer um processo de avaliação de sua bagagem quando questiona, e manifesta o desejo de uma fonte (“qual exercício necessário”). Expressa uma necessidade de buscar algo mais, apresenta uma reflexão e confronta a experiência da Mostra e sua prática.

Novamente, chamo a atenção para a importância de dar escuta aos partícipes que optam por ver a Mostra. Por estarem fora do contexto, podem manifestar muitos pontos importantes como esta fala de Ana Carolina sobre o trabalho desenvolvido.



>>>> **Cena 6: Educadora
investiga projeção de
holograma.**



Imagem 25

Cena 6: Numa das propostas expostas, um notebook é conectado a uma câmera endoscópica que captura a projeção de uma flor debruçada sobre um set feito com uma base de madeira e um pedaço de acetato transparente. Uma lâmpada USB ilumina o acetato promovendo a projeção da captura da câmera endoscópica e reproduzindo uma nova imagem da flor no acetato. A forma como os dispositivos foram organizados promove o interesse da educadora que se senta no chão e se entrega à pesquisa, permanece por muito tempo neste lugar, tocando, experimentando, alterando posições da luz, da flor e analisando o que acontece.

Seu olhar parece entrar em diálogo com o movimento das mãos, seu corpo está entregue aos pensamentos.

Arrisco levantar hipótese de seus pensamentos:



Imagem 26

Como isto acontece? Ao olhar a flor, parece ser possível palpar?

Isto é um holograma? O que é um holograma?

Parece mágica? Tem física aqui? O que acontece se eu mudar a posição da flor? Como se dá a projeção?

Investigar pressupõe perguntas, tempo e um debruçar-se sobre o que interrogo. A educadora faz sua escolha entre os espaços da Mostra e ali permanece, atenta, experimentando, observando, fazendo tentativas como se estivessem num jogo ela e os materiais.

A projeção tridimensional provoca o investigador, cria uma situação lúdica, interessante e convidativa à pesquisa.

O que investigo durante o processo de produção de uma Mostra e o que cada participante pode investigar ao visitá-la?

EXPERIMENTAR

>>>> Cena 7: Educadoras experimentam ultrapassar fronteiras.



Imagem 25



Imagem 26

“EXPERIMENTAR, por Gislei Lazzarotto. [...] Trata-se de ultrapassar o que se coloca como limite entre o sujeito e o objeto, para problematizar a relação produzida neste movimento. Implica construir um modo de pesquisar que acolha a experiência que insiste em expressar a multiplicidade que nos constitui.”²⁰

Cenas 7: Como não ver a tentativa de ultrapassar as fronteiras nas cenas acima entre estes educadores? É perceptível!

Nas cenas acima constato três experimentos: Como a projeção se dá na pele, como fica a imagem projetada num fundo escuro e como fica num fundo branco?

Seja sozinha, seja aos pares, as educadoras manifestaram o desejo de experimentar. Ver as imagens projetadas não bastou para essas educadoras, sentiram a necessidade de uma ação maior, de entregar-se à experiência a fim de buscar entender o que acontecia naquele movimento entre as projeções de imagens. Desejam ser parte, experimentar no corpo, na pele.

Deslocar-se neste experimento permitiu às educadoras colocarem-se expostas, tornarem-se sujeitos da experiência.



Imagem 27



Imagem 28

Algo acontece com essas educadoras, mobilizando-as a serem transformadas pelo ato de experimentar. E após a ação de experimentar, pude constatar suas reações, entre sorrisos e o corpo curvado de uma delas para comprovar o experimento.

Numa Mostra como esta em que as crianças e os professores narram suas experiências e promovem espaços para que os visitantes vivenciem algo aproximado ao relatado é mostrar possibilidades de experiências que promovem o ensino e a aprendizagem. Mostrar como a instituição desenvolve seu trabalho educacional é mostrar e reverberar ao mundo a concepção de criança e de profissional da educação em que acreditam.

Estariam as instituições de ensino reverberando em suas Mostras anuais e institucionais quanto de desejo, de olhar, de explorar, de investigar, de experimentar acontece?

Estariam mostrando a experiência como uma ação sem tempo determinado para acontecer?

O que uma Mostra pode mostrar sobre as experiências vividas pela comunidade local?

²⁰ FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L. **Pesquisar na diferença um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 101.

PRODUZIR

>>>> Cena 8: Educadoras produzem novos contextos.



Imagem 29

“Produzir é o encadeamento de práticas corporificadas material ou afetivamente. Produzir é afetar: propiciar um sentimento, criar um objeto, construir um desejo, fazer um movimento, constituir campos de possibilidades.”²¹

Cena 8: Na produção e organização de uma ação como uma Mostra, são muitos os pensamentos, as ideias, propostas de ações e criações. Nesta Mostra a natureza e o digital provocavam os maiores pontos de diálogos em toda a exposição. Mas, nesta cena trago a imagem de duas educadoras que se envolvem na produção de uma tela, tramam elementos naturais, prendem

folhas, alinhavam fios e permanecem um bom tempo na produção. Os elementos digitais a provocam, tocam com suas projeções em seus corpos, mas ambas se entregam à produção de uma tela de talagarça que desejam preencher, criar. Não se envolvem com os dispositivos tecnológicos.

Acompanhei a ação das educadoras por um bom tempo, e a tela de talagarça que ali estava se exibindo para uma projeção não recebeu por elas nenhuma projeção de luz, ganhou outro contexto, que se transformou para a projeção de novas imagens por outros educadores.

Foi portador para outra produção, o uso de muitos dos elementos analógicos expostos pelos espaços foram os materiais de desejo, exploração e criação das professoras. Portanto, importante considerarmos que os materiais expostos que colocamos à disposição possam prever outras possibilidades, desejo de explorar, testar, criar, investigar.

Esta cena nos provoca a pensar: quais são os interesses dos participantes? Como suas ações se dão durante a exposição e ancoradas em que pressupostos? Quais materiais, categorias, materialidades, possibilidades em uma exposição? Como se relacionam entre si?

Quais foram seus pontos de pesquisa na escolha desses materiais com esta produção?

A pesquisa é movimento, produção, esta cena revelaria um ato de pesquisa?

²¹ FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L. **Pesquisar na diferença um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 196.

COMPARAR



Imagem 30

>>>> Cena 9: Educadoras se reúnem em estudo.

“Do latim comparare, significa colocar ao lado, juntar, acoplar, medir as relações”.²²

Cena 9: O que podemos ver nesta cena? Um grupo de educadoras retiram a pasta exposta na mesa central e que carrega o processo documental do projeto A forsitia vista pelo sol e reúnem-se numa roda no chão em frente ao banner referente ao mesmo projeto. Esta ação demonstra o desejo de olhar para as duas apresentações ao mesmo tempo.

Pela maneira como seus corpos estão e as expressões, parece haver alguns questionamentos entre o conteúdo apresentado na pasta e o conteúdo do banner localizado à frente do grupo. São expressivos os movimentos dos corpos evidenciando uma busca. Enquanto 3 olham para o banner, 5 das educadoras curvam seus corpos detendo-se na pasta.

No início de toda visitação eu apresentava os espaços da Mostra e fazia o convite à visitação com algumas provocações, como: Quais as relações estabelecidas entre os painéis e os cadernos com os processos documentais?

Nesta cena do grupo pude claramente ver a busca pelas respostas. Educadoras de diferentes instituições reunidas pensando, lendo, comparando objetos na busca de algumas respostas ou até de mais perguntas.

Por que numa Mostra sempre encontro painéis expostos? O que eles narram e de quem são as narrativas?

Seriam os painéis um produto final ou parte de um processo?

Como dar visibilidade a um projeto desenvolvido na escola por meio deste recurso?

Com quantas fotos se conta um projeto? O título carrega a força da narrativa? Que outra maneira de dar visibilidade à pesquisa através do banner.

O caderno e o banner, quando se deixam observar, narram os olhares e as descobertas das crianças, mas qual a importância de cada portador neste contexto expositivo?

Na ação deste grupo é possível que o ato de comparar tenha podido ampliar a compreensão dos objetos de estudo por suas diferenças, especificidades, formas e potência de expressão.

²² FONSECA, T. M.; NASCIMENTO, M. L. Pesquisar na diferença um abecedário. Porto Alegre: Sulinas, 2015, p. 57.



Imagem 31

>>>> Cena 10: Educadoras se deslocam de seu estado para participar da visita da Mostra.

Cena 10 — Três educadoras retornam à noite para suas casas no Rio Grande do Sul, após visita a “Sconfinamenti”. Escolheram viajar, vir a São Paulo para ver a Mostra e atravessar nova fronteira em busca de conhecimento. Trouxeram a curiosidade, o interesse e o movimento de busca. Demonstram pelo sorriso que a experiência vivida foi significativa.

Seria “deslocar” um verbo que incita a pesquisa? Por que desejaram deslocar-se para ver a Mostra? Quais interesses mobilizaram essas educadoras para deslocamentos tão distantes?

Ao visitar e percorrer uma Mostra educacional, os educadores têm a possibilidade de multiplicidade de olhares, linguagens e diálogos, de viver uma experiência cultural e formativa.

Refletir sobre este lugar que ofereço ao outro como a Mostra me provoca a cartografar pontos importantes e refletir sobre o trajeto dessas educadoras durante os deslocamentos. Como as Mostras muitas vezes acontecem dentro da própria instituição, o território educacional torna-se um grande campo de exploração.

O que o lugar revela sobre a forma como os processos acontecem neste espaço? O que revela sobre a aprendizagem das crianças?

Que vozes escuto na Mostra? Seriam mais dos adultos ou das crianças, ou seriam de ambos numa relação de construção de conhecimento?

No espaço Mostra é possível conhecer outros profissionais, compartilhar experiências, aprender. Mais que apreciação, o local da mostra pode tornar-se um lugar de pesquisa e ampliar a bagagem dos educadores que optam por deslocar-se até ali.

Uma mostra apresenta coletividade, reúne a comunidade educacional — escola, família —, pode promover o interesse, deslocamentos internos, deslocamentos físicos. Essas educadoras, em suas viagens com objetivo de autoformação, retornam a seus contextos, levando nova bagagem que possivelmente será compartilhada com outros educadores.

CONCLUSÃO

e novas inquietações

>>>> a vez e a voz no tempo, inquietações

Com este estudo e pesquisa sobre Mostra Educacional pude refletir sobre este dispositivo que se faz a partir da pluralidade: entre objetivos, processos de aprendizagem, partícipes, produções, documentações, registros, crianças e adultos. Sobre a importância do lugar onde nasce a Mostra e o que carrega: perguntas, curiosidade, ideias, projetos e desejo de mostrar. Pude confirmar a importância de uma boa construção de narrativa para revelar a comunidade de aprendiz e reverberar como os desafios foram conquistados no lugar em que nasceu e foi produzida a Mostra.

Busquei mostrar como deve ser entendida uma Mostra, a importância de seu percurso, dos confrontos de ideias, das resoluções e não resoluções de problemas, dos erros, das conquistas e descobertas, do movimento de conhecimento que circula no espaço.

A palavra Mostrar significa fazer aparecer, colocar em local de destaque, dar a ver, vem do latim “monstrare”, e seu sinônimo é bem interessante: esconder. Por meio desta pesquisa quero instigar o olhar do educador sobre o que mostra ao produzir Mostras Educacionais e atente-se para não deixar escondidos os movimentos desenvolvidos até chegar à exibição final. Que se mostrem o tempo, as falas, as experiências, as linguagens descobertas, os erros, as dificuldades. Que exiba todos os



Imagem 32

“Instrumentos digitais potencializam e transformam contextos de ensino e aprendizagem.”



Imagem 33



Imagem 34

saberes vivenciados durante a produção, os processos, de maneira a mobilizar no outro um panorama e possibilidade de viver parte das ações durante a experiência da Mostra.

Desejar, ler, assistir, olhar, explorar, investigar, experimentar, produzir, comparar e deslocar são ações mobilizadoras de ensino e aprendizagem e podem ser desenvolvidas tanto no trabalho prévio quanto no final de uma Mostra, e constatei em minha pesquisa, ao acompanhar os partícipes, que vivenciaram a Mostra Sconfinamenti e desvelaram as ações de quem a produziu: educadores e crianças italianas.

Pude nesta viagem chamada Mostra aprender a olhar, dar escuta e estar junto a muitos educadores.

Foram muitos os verbos que os educadores brasileiros me mostraram ser possível conjugar durante a experiência Mostra Sconfinamenti: observar, escutar, compartilhar, conhecer, tocar, experimentar, decifrar, acessar, estudar, intervir, interpretar, refletir. Para mim, todos eles são reflexos do que as crianças e os adultos italianos vivenciaram em seu um ano de percurso para produção da Mostra Sconfinamenti. O que confirma a intenção

de quem produziu a Mostra Sconfinamenti de expor pequenos panoramas do que viveram, para que os partícipes tivessem a oportunidade de também experienciar.

As linguagens que uma Mostra expõe, suas expressividades e narrativas, as áreas de conhecimento, a arte, a ciência, tudo faz parte, mas quando uma Mostra de fato mostra a vida que acontece na escola, revela-se, exhibe-se e provoca um convite ao outro para viver a experiência como se fosse parte da escola.

Atravessar Fronteiras junto à Mostra Sconfinamenti possibilitou conhecer outros educadores, diferentes formas de interpretar uma Mostra, aprofundar o olhar para este dispositivo, desenvolver uma pesquisa e produzir conhecimento. Viver a Mostra Sconfinamenti, para mim, foi olhar para este dispositivo e enxergar um lindo campo de estudo e aprendizagem, uma possibilidade de mostrar o professor em seu papel de pesquisador.

Adriana Friedmann numa primeira carta direcionada às participantes do curso escreveu: “Acredito que faremos uma caminhada de significativas e profundas reflexões, trocas de conhecimentos e experiências, assim como, o que é meu grande desejo, produção de conhecimentos

dos universos infantis, a partir dos estudos e das pesquisas de campo que serão desenvolvidos.”

Estabeleço aqui uma relação da fala de Adriana com a Mostra. Não estamos vivendo uma grande Mostra durante as apresentações das bancas de mais de 30 educadoras, quando narram seus processos, organizam suas apresentações e compartilham os sentimentos, as dificuldades, as conquistas e o trabalho finalizado?

Não estamos vivendo uma grande Mostra e conjugando o verbo mostrar todos os dias neste momento em que vivemos a educação em plena Pandemia COVID-19?

As escolas encontram-se fechadas, as crianças e os educadores distanciados dos seus espaços escolares exercendo seus papéis em novos campos de pesquisa. Pesquisa esta inédita, mobilizada por uma série de perguntas e dos mais diversos tipos. Como criar uma escola e ações educacionais de forma remota, distantes uns dos outros? Como promover o ensino e aprendizagem a distância? Onde fica a escola hoje? O que sentem as crianças neste momento? Os professores como vão se mostrar nesta grande Mostra, via janela de um computador?

Tenho acompanhado como professores

mostram seus esforços para manter o vínculo afetivo e cognitivo com as crianças a fim de dar continuidade aos processos de aprendizagem. Como estão vivendo pesquisas diárias: tecnologia, plataforma, novas didáticas, metodologias, novos tempos, programas.

Quando Adriana disse: “faremos uma caminhada de significativas e profundas reflexões, trocas de conhecimento e experiências”, não tinha ideia das experiências e reflexões que vivenciaríamos ao final deste curso e como seria a Mostra de nossas pesquisas.

O processo total desta pesquisa teve a duração de um ano, sendo que a escrita foi produzida durante os primeiros três meses de isolamento social. Terminei esse TCC expondo minha produção a partir do que vivi entre estudos e vivências, teoria e prática: a vivência na Mostra na Argentina em julho de 2019 e a vivência de uma nova versão no Brasil em novembro de 2019.

Em minha banca apresento esta narrativa, após ter sido instigada a produzir em forma de escrita este documento e confirmar a Adriana Friedmann seu desejo e afirmar ter sido ela significativa e de profundas reflexões. Minha produção de conhecimento, no meu caso, tem relação entre as vozes das crianças junto

às dos adultos, tão necessário e importante serem mostradas.

Concluo esse TCC com a vivência de um processo marcado por erros, acertos, acúmulo de experiências e conhecimento, atualização de bagagem e finalização de uma escolha. Fiz escolhas ao desejar fazer parte desse curso, do tema da pesquisa e ao definir o campo de pesquisa.

Assim como uma Mostra é constituída de escolhas, manifesto neste documento o meu olhar para esse dispositivo e as minhas escolhas ao declarar meus estudos.

Escolhas que partem de um olhar para a criança e suas infâncias, que respeita e valida a escola como um lugar de vida de grande MOSTRA de aprendizagem e conhecimento.

Portanto, pra mim, dar a vez e a voz às personagens que constituem uma escola, em especial as crianças e os professores neste TCC, é dar voz e vez a todo movimento que acontece na escola e que relacionei com a Mostra.

É mostrar um processo autêntico de ensino, aprendizagem e pesquisa, é mostrar que aprendemos com o outro, e a escola deve e pode ser um grande campo de pesquisa.

Encerro esta pós mais sabida, muito “mió” como diria Guimarães Rosa: “É junto dos bão que a gente fica mió,” e assim foi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFIERI, Maria Victoria e cols. Voces, tramas y escenarios: 40 años en Aletheia. Grupo Maori, 1ª ed. Buenos Aires, 2010.

BARROS, Manoel. Meu quintal é maior que o mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Vol. 2, Porto Alegre: Artmed, 2016.

ESLAVA, Clara; ESLAVA, Juan; CABANELLAS, Maria; POLONIO, Raquel (organizadores). Ritmos infantis: tecidos de uma paisagem interior. 2ª ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020.

FONSECA, T. M.; Nascimento M. L. Pesquisar na diferença um abecedário. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

FOCHI, Paulo (org), Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do observatório da cultura infantil (OBECI), 1ª ed. Porto Alegre, 2019.

FRIEDMANN, Adriana. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. 1ª ed. São Paulo: Panda Books, 2020.

HERNÁNDEZ, Fernando e orgs. Professores na incerteza:

aprender a docência no mundo atual. Porto Alegre: Penso, 2016c.

LAROSSA, Jorge. Tremores escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PRADO, G.; SERODIO L.; PROENÇA H.; Rodrigues N. Metodologia narrativa de pesquisa em educação, uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João, 2015.

PROENÇA, M. A. Prática docente — a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. São Paulo: Panda Educação, 2018.

PLACCO, Vera M.; SOUZA, V. L. T. (orgs). Aprendizagem do adulto professor. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, Maria Cecília P. A paixão de formar: da psicanálise à educação.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

TERZI, C. A.; MARTINS, C. M. Sala de aula, quando eu entro e fecho a porta... Quando eu entro e abro a porta. Rio de Janeiro: Wake, 2018.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar, aprender. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

VECCHI, Veia; BONILAURI, Simona; MENINNO, Isabela; TEDESCHI, Madalena. Mostra Sconfinamenti: atravessando fronteiras — Encontros com sujeitos vivos e paisagens digitais. 1ª ed. São Paulo: Phorte, 2020.

>>>> REFERÊNCIAS DE IMAGENS

IMAGEM 1 — Acervo pessoal

Todas as demais IMAGENS — Acervos Diálogos Viagens Pedagógicas